O Coração Não Trabalha à Distância

Os Quilômetros Podem Ser Vencidos. O Que Fica por Dizer Permanece.



Laura Bellini

O Coração Não Trabalha à Distância

Os Quilômetros Podem Ser Vencidos. O Que Fica por Dizer Permanece.

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384905876

ALL-IN Rafał Płonkowski

ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O homem do outro lado da voz 10
Capítulo 2 - Antes de estabelecermos as regras 22
Capítulo 3 - Entre duas cidades 38
Capítulo 4 - Coisas que não entram na agenda 49
Capítulo 5 - Limites que Vale a Pena Conhecer 64
Capítulo 6 - Nem Tudo Pode Ser Silenciado 74
Capítulo 7 - Dia após dia, cada vez mais próximos..... 85
Capítulo 8 - No mundo dele..... 94
Capítulo 9 - O Risco de Ter uma Voz em Comum.....105
Capítulo 10 - Além dos Limites da Razão 116
Capítulo 11 - Uma Manhã Sem Roteiro.....127
Capítulo 12 - O Lugar ao Qual Não Quero Renunciar 136
Capítulo 13 - O Preço dos Planos em Comum.....147
Capítulo 14 - Aquilo que Ainda Não Dissemos 157
Capítulo 15 - Tudo Aquilo que Não Pode Ser Adiado.....170
Capítulo 16 - Quando a Distância Deixa de Ser Suficiente.....184
Capítulo 17 - A Vida que Precisamos Escolher por Conta Própria.....197
Capítulo 18 - O Primeiro Passo Sem Promessas 207
Capítulo 19 - Os Quilômetros que Percorremos Juntos 220
Capítulo 20 - Lugares Próprios, Uma Vida em Comum..... 233

INTRO

Gdańsk, segunda-feira, 7h18.

A chuva castigava as altas janelas do pequeno escritório que, havia três semanas, eu chamava de meu lugar no mundo. O espaço ainda não estava organizado como eu gostaria. Em uma das paredes, estavam penduradas amostras de papel; na outra, três versões do projeto de identidade visual. Debaixo da mesa, havia caixas com objetos que eu ainda não tivera tempo de desempacotar. A máquina de café só funcionava quando recebia uma dose generosa de paciência. Apesar de tudo, eu gostava de estar ali. Cada objeto me lembrava que, daquela vez, eu não estava organizando um espaço para outra pessoa. Estava construindo algo meu.

Eu tinha vinte e nove anos, alguns anos de experiência em design de identidade visual e cada vez menos disposição para provar a alguém que era capaz de trabalhar sem supervisão. Minha mudança para Gdańsk não tinha sido uma fuga nem um capricho romântico. Era uma decisão profissional. Eu queria desenvolver meu próprio estúdio, escolher meus clientes e os projetos que realmente despertavam meu interesse e, acima de tudo, parar de tratar minhas ambições como algo que só poderia me permitir depois de atender às expectativas dos outros.

Meu plano para os meses seguintes era simples. Concluir dois projetos, estabilizar minha renda, estabelecer alguns novos contatos e não aceitar nada que exigisse viagens constantes. Eu já tinha trabalho suficiente para não precisar procurar outras oportunidades. Ou, pelo menos, era isso que repetia para mim mesma quando abria minha caixa de

entrada às sete da manhã e encontrava mais uma mensagem com o assunto marcado como URGENTE.

Naquela manhã, havia uma proposta à minha espera que, a princípio, eu pretendia recusar.

O projeto envolvia uma nova série de podcasts. Não se tratava apenas de criar uma capa e algumas imagens para as redes sociais. O trabalho incluía uma identidade visual completa, um sistema de materiais promocionais, a identidade gráfica dos episódios seguintes e a colaboração com o criador responsável pelo conceito e pela produção. O projeto deveria durar alguns meses, e o orçamento era suficientemente interessante para que eu não pudesse fingir que não havia chamado minha atenção.

Havia apenas um problema.

O criador morava em Wrocław.

Li a mensagem novamente, detendo os olhos no nome: Florian Wrona. Eu já o conhecia pela breve descrição do projeto, mas não sabia muito mais sobre ele. Não tinha o hábito de investigar detalhadamente cada pessoa com quem poderia vir a trabalhar. Preferia observar primeiro a maneira como se comunicava profissionalmente. Normalmente, isso me dizia muito mais do que perfis cuidadosamente elaborados na internet.

Abri o anexo. Encontrei um cronograma, uma descrição preliminar do conceito e um link para uma gravação demonstrativa. Coloquei os fones de ouvido, apertei o botão de reprodução e peguei minha xícara de café.

Primeiro, ouvi alguns segundos de silêncio. Depois, o ruído característico de folhas de papel sendo movimentadas.

— Existem lugares que permanecem conosco por muito mais tempo do que as pessoas com quem os visitamos.

A voz era tranquila, grave e desprovida de qualquer exagero radiofônico. Havia algo nela que despertava a vontade de continuar ouvindo, mesmo quando a frase pronunciada não prometia nenhuma revelação extraordinária. Florian falava com clareza, mas sem parecer mecânico. Às vezes, fazia pequenas pausas, como se permitisse que o ouvinte completasse por conta própria aquilo que ficara suspenso.

Voltei ao início da gravação e escutei aquele trecho mais uma vez.

Não pretendia tirar conclusões sobre uma pessoa com base apenas em sua voz. Ainda assim, eu tinha o hábito profissional de prestar atenção aos detalhes, e aquela voz era um deles. Combinava com o projeto, embora não de uma maneira óbvia. Não tentava vender nada. Não implorava por atenção. Simplesmente a conquistava.

No final da gravação, apareceu uma breve informação técnica e, logo depois, um comentário do próprio Florian.

— Se trabalharmos juntos, quero que não façamos tudo através de uma tela. Sei que é conveniente, mas algumas coisas funcionam melhor quando são discutidas à mesma mesa.

Tirei os fones.

Era exatamente aquilo que eu não queria. Não queria mais uma colaboração em que a palavra "flexibilidade" significasse que eu deveria estar disponível em qualquer lugar e a qualquer hora. Não queria passar metade do mês dentro de trens, adiar os prazos de outros clientes ou explicar por que não poderia ir a Wrocław para uma reunião que poderia perfeitamente acontecer pela internet.

Abri minha agenda. As semanas seguintes já estavam preenchidas com compromissos que eu mesma havia escolhido. Na sexta-feira, tinha uma reunião com a gráfica. Na semana seguinte, uma apresentação para um novo cliente. Duas semanas depois, finalmente pretendia dedicar o fim de semana inteiro à preparação do meu próprio portfólio. Cada um daqueles compromissos fazia parte de um plano que havia exigido bastante trabalho para sair do papel.

Eu não pretendia abrir mão dele por causa de um único projeto atraente.

Mesmo assim, não fechei a proposta.

Voltei à gravação e comecei a analisar a maneira como Florian conduzia a narrativa. Alguns trechos eram excelentes; outros precisavam de uma edição mais firme. Ele tinha sensibilidade para o ritmo, mas às vezes permanecia tempo demais em torno de uma mesma imagem. Não lhe faltavam ideias. Faltava alguém capaz de dar a elas uma forma coerente.

E isso, definitivamente, eu sabia fazer.

Ao meio-dia, respondi à mensagem propondo uma breve conversa on-line. Esclareci que poderia assumir toda a identidade visual, mas que gostaria de definir o escopo das responsabilidades, a maneira como as decisões seriam tomadas e um cronograma realista para as reuniões. Acrescentei que meu estúdio ficava em Gdańsk e que não pretendia mudar meu local de trabalho durante a execução do projeto.

Enviei a mensagem com a sensação de ter preservado todos os limites importantes para mim.

A resposta chegou mais rápido do que eu esperava.

"Bom dia, senhora Ofelia. Obrigado pela mensagem objetiva. Concordo com relação ao escopo e ao cronograma. Gostaria, porém, que começássemos com um encontro presencial. Posso sugerir quarta-feira, em Wrocław. Sei que isso significa uma viagem, mas gostaria de lhe mostrar algo que não pode ser apresentado adequadamente em um anexo. Florian."

Li a última frase duas vezes.

Algo que não pode ser apresentado adequadamente em um anexo.

Tive vontade de responder que praticamente tudo podia ser apresentado em um anexo, desde que alguém se dedicasse o suficiente para fazê-lo. Em vez disso, afastei o laptop e fui até a janela. Na rua, as pessoas passavam umas pelas outras debaixo dos guarda-chuvas. Algumas caminhavam apressadas, enquanto outras paravam no semáforo para conferir o celular. Gdańsk parecia uma cidade que não pretendia pedir desculpas a ninguém por causa do clima.

Pensei em Wrocław. Nas estações, nas conexões, nas horas passadas dentro de um trem e na facilidade com que um dia inteiro podia ser perdido por causa de uma reunião que deveria durar quarenta minutos.

Então me lembrei da voz na gravação.

Não sabia por que justamente aquela frase voltava à minha cabeça com mais frequência do que as outras. Talvez porque eu mesma tentasse, havia muito tempo, separar os lugares das pessoas. Convencia a mim mesma de que era possível ter minha própria vida, meu próprio espaço e minhas próprias regras e, ao mesmo tempo, continuar aberta a novas experiências. Mas, para mim, estar aberta não

significava aceitar que meus limites fossem constantemente deslocados.

Voltei à mesa e olhei mais uma vez para a mensagem.

Respondi de maneira breve:

"Quarta-feira é possível. Por favor, envie o horário e o endereço."

Aquilo não era uma declaração de que o projeto já estava garantido. Tampouco era uma promessa de que eu reorganizaria minha agenda em função dele. Seria apenas um encontro. Uma viagem. Um homem que, até aquele momento, eu conhecia somente pelo nome e pela voz.

Quando estava fechando o laptop, meu celular vibrou. A nova mensagem de Florian continha apenas o horário, o endereço do estúdio de gravação e uma observação:

"Vou fazer o possível para que a viagem valha a pena."

Sorri, embora não tivesse certeza se o que mais me divertia era a autoconfiança dele ou o fato de eu ter começado a me perguntar como seria quando deixasse de falar para um microfone.

Do lado de fora, a chuva continuava caindo, e sobre minha mesa estava a agenda com o planejamento exato dos meses seguintes. Tudo tinha seu lugar, seu prazo e sua justificativa. Eu sabia para onde estava indo, por que trabalhava e do que não pretendia abrir mão.

Só não sabia por que a ideia de passar a quarta-feira em Wrocław começava a ocupar muito mais espaço na minha cabeça do que deveria.

E se eu seria capaz de reconhecer o momento em que a simples curiosidade profissional deixasse de ser motivo suficiente para voltar a encontrar alguém.

Capítulo 1 - O homem do outro lado da voz

Wrocław, quarta-feira, 10h42.

O trem chegou à estação central com sete minutos de atraso, o que considerei um começo razoavelmente bom para o dia. Não gostava de viagens cujos motivos eu não conseguia resumir em uma única frase. Aquela deveria ser uma reunião profissional, portanto, teoricamente, não havia nada de complicado. Eu tinha vindo para conhecer o cliente, ver os materiais e avaliar se valia a pena aceitar o trabalho. À noite, voltaria para Gdańsk. No dia seguinte, pretendia trabalhar na minha própria mesa, com um café cujo sabor eu conhecia e sem precisar consultar horários de trens.

Durante os últimos vinte minutos da viagem, tive tempo de reler três vezes as mensagens de Florian. Não eram muitas. O endereço do estúdio, um número de telefone e uma breve informação de que estaria esperando na entrada. Nenhuma instrução adicional, nenhum entusiasmo exagerado. A última mensagem havia chegado ainda pela manhã.

"Se tiver dificuldade para encontrar o prédio, por favor, me ligue. A entrada é um pouco discreta."

Uma entrada discreta não representava um desafio especial para mim. O que realmente me interessava era o que encontraria atrás dela.

O estúdio ficava em um edifício histórico reformado, não muito longe de Nadodrze. O prédio tinha janelas altas, uma porta pesada e uma escadaria onde haviam preservado os antigos corrimãos de madeira. No interfone, havia uma

pequena placa com o nome do estúdio. Parei diante dela, conferi o endereço e apertei o botão correto.

— Sim?

Reconheci aquela voz imediatamente.

— Ofelia Kruk. Temos um horário marcado para as dez e quarenta e cinco.

— Claro. Já vou abrir.

A fechadura estalou brevemente, e a porta cedeu. Entrei e só tirei o casaco no patamar da escada, onde um homem estava encostado na parede, com um dos ombros apoiados nela. Não parecia alguém disposto a organizar uma recepção formal. Vestia uma calça escura e uma camisa cinza com as mangas dobradas até os cotovelos. Seus cabelos escuros estavam levemente desalinhados, como se tivesse passado a mão por eles algumas vezes, tentando arrumá-los sem muita convicção. Era mais alto do que eu imaginara com base na voz, e sua expressão era difícil de definir como distante. Era mais uma expressão atenta. Como se preferisse descobrir primeiro com quem estava falando antes de decidir o que dizer.

— Florian Wrona — apresentou-se, estendendo a mão.

— Ofelia Kruk.

Seu aperto de mão foi firme, mas sem ostentação. Também percebi que não tentou prolongar o cumprimento nem pegar minha bolsa.

— A viagem foi tranquila?

— Quase. Sentei na frente de um homem que passou o trajeto inteiro assistindo a um filme sem fones de ouvido.

— Nesse caso, merece minha solidariedade.

— Não precisa. Sobrevivi. Só espero que seu estúdio ofereça melhores condições acústicas.

Ele sorriu discretamente.

— Foi justamente por isso que a convidei para cá.

Conduziu-me ao primeiro andar. O estúdio ocupava duas salas conectadas por uma ampla passagem. A primeira era um pequeno escritório com uma mesa grande, dois monitores e uma estante cheia de livros. A segunda abrigava o espaço de gravação. Nas paredes, havia painéis acústicos escuros, e diante do microfone estava uma poltrona com os apoios de braço visivelmente desgastados. Não havia uma organização excessiva, mas tampouco reinava o caos. Os cabos estavam arrumados, os equipamentos identificados e os materiais para a reunião já estavam sobre a mesa.

— Aceita um café? — perguntou Florian.

— Com prazer.

— Preto, com leite?

— Preto.

— Ótimo. Pelo menos uma decisão já está tomada.

Não respondi imediatamente. Percebi que ele falava de maneira semelhante à gravação. Tranquila, sem pressa, mas sua voz ao vivo tinha mais nuances. Não era tão uniforme quanto parecia através dos fones. Quando sorria, algumas palavras adquiriam um tom mais caloroso.

Sentei-me à mesa e tirei meu caderno da bolsa. Não pretendia permitir que uma voz agradável substituísse minha avaliação profissional do projeto.

Florian colocou uma xícara diante de mim e ligou o monitor.

— Vamos começar pelo que a senhora já ouviu. A série, por enquanto, tem o nome de "Lugares que Permanecem". Quero falar sobre espaços que têm significado para as pessoas. Não apenas edifícios ou ruas, mas aquilo que cada um associa a esses lugares. Decisões, retornos, partidas e coisas que não podemos levar conosco.

— Então seria uma espécie de reportagem pessoal?

— Em parte. Não quero fazer uma reportagem tradicional. Interesso-me mais por histórias que começam em um lugar e terminam em uma pessoa.

— E quem serão os protagonistas?

— As pessoas que convido. Não celebridades. Nem especialistas em tudo. Pessoas que tenham algo a contar e consigam fazê-lo com as próprias palavras.

Ele deslizou algumas folhas impressas na minha direção. Havia breves descrições de possíveis episódios, trechos de conversas e anotações sobre o som. Examinei a primeira página, depois a segunda. A ideia tinha potencial, mas a forma ainda precisava de trabalho. Em alguns trechos, Florian usava metáforas demais; em outros, deixava informações sem contexto. Ainda assim, os textos tinham personalidade. Não pareciam materiais preparados apenas para causar uma boa impressão em uma apresentação.

— O projeto precisa de uma identidade visual que seja coerente com o conteúdo, mas que não o ilustre literalmente — comentei.

— Exatamente.

— Não vou propor alfinetes em mapas, ondas sonoras ou silhuetas de cidades.

— Ótimo.

Levantei os olhos.

— Assim, sem mais nada?

— Eu esperava que a senhora dissesse isso.

— Então me convidou para ouvir como rejeito suas ideias?

— Não. Convidei porque vi seu portfólio. Gosto da maneira como constrói sistemas visuais. Mas não vou fingir que sei como essa série deveria parecer. Se soubesse, não precisaria de uma designer.

Era uma resposta sensata. E um tanto desconcertante.

Abri a página seguinte.

— Então me diga o que espera. Não em termos de estética, mas do resultado.

Florian apoiou as mãos sobre a mesa.

— Quero que alguém veja a capa de um episódio e sinta que existe uma história verdadeira por trás dela. Não quero nostalgia vendida em uma embalagem bonita. Também não quero fingir que toda lembrança é bela. Alguns lugares fazem as pessoas se lembrarem de coisas às quais prefeririam não voltar.

— Isso já é muito mais interessante.

— Por quê?

— Porque pelo menos não está tentando transformar tudo em um cartão-postal.

Ele me olhou com interesse evidente.

— E a senhora gosta de cartões-postais?

— Gosto quando alguém entende que uma imagem não precisa ser bonita para ser verdadeira.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes. Depois, deslizou um tablet na minha direção.

— Nesse caso, gostaria que ouvisse mais uma coisa.

Na tela, abriu uma pasta com gravações. Não eram episódios finalizados, mas trechos de conversas realizadas durante reuniões preliminares. Florian selecionou alguns arquivos curtos. O primeiro mostrava uma mulher falando sobre o apartamento que havia vendido depois da morte da mãe. O segundo continha uma conversa com um homem que administrara uma pequena oficina de conserto de relógios durante trinta anos. O terceiro era uma gravação de uma estação ferroviária vazia, na qual se ouviam malas sendo arrastadas, avisos pelos alto-falantes e passos.

Escutei sem interromper. Florian não ficou me observando o tempo todo. Acompanhava os níveis de áudio no monitor e fazia pequenas anotações, como se quisesse que eu ouvisse o material sem comentários adicionais.

Em determinado momento, interrompeu a gravação.

— O que acha?

— Que o senhor não deveria explicar tudo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Como assim?

— No segundo trecho, a mulher diz que não se lembra de quando entrou pela última vez naquele apartamento. Depois, durante alguns segundos, só ouvimos sua respiração. E, na edição, o senhor acrescenta imediatamente um comentário explicando o que ela sente. Não precisa fazer isso. O ouvinte já teve tempo de entender.

Florian me observou com mais atenção.

— Concordo.

— Sério?

— Sim. Essa é uma das coisas que eu mesmo queria melhorar.

— Então por que não melhorou?

— Porque não tenho certeza de que deveria tomar sozinho todas as decisões sobre o material quando estou começando a trabalhar com outra pessoa.

Recostei-me na cadeira.

— Isso parece sensato, mas também pode ser uma maneira conveniente de evitar responsabilidades.

Ele não se ofendeu. Pelo contrário, o canto de sua boca se ergueu em um sorriso.

— A senhora sempre julga as pessoas tão depressa?

— Apenas quando elas mesmas me fornecem material suficiente.

— Vou ter que tomar cuidado.

— Basta falar com franqueza.

Durante as dezenas de minutos seguintes, discutimos as premissas do projeto. Mostrei alguns exemplos do meu próprio portfólio, explicando por que, em determinados trabalhos, havia utilizado a tipografia como elemento principal, enquanto em outros construíra a identidade em torno da fotografia e de uma composição característica. Florian fez perguntas que não eram superficiais. Queria saber por que eu havia escolhido determinada solução, quais eram suas limitações e se poderia ser aplicada em diferentes formatos.

Gostei do fato de ele não tentar fingir que era especialista no meu trabalho.

Por outro lado, não gostei de como, de tempos em tempos, voltava à condição de realizar encontros presenciais.

— Não pretendo vir a Wrocław toda semana — disse finalmente.

— Não pedi isso.

— Mas o senhor fala em reuniões regulares no estúdio.

— Porque as gravações acontecerão aqui. Gostaria que, pelo menos nas etapas mais importantes do projeto, a senhora estivesse presente.

— Posso trabalhar com as gravações. Posso enviar os projetos, discuti-los por videoconferência e vir quando realmente for necessário. Não preciso me sentar ao seu lado para fazer bem o meu trabalho.

— Não estou dizendo que precisa.

— Então de onde vem essa exigência?

Florian afastou o tablet e, por um instante, observou a tela onde a onda sonora havia ficado congelada.

— Porque, durante as gravações, acontecem coisas imprevisíveis. Alguém traz uma fotografia, muda de assunto, mostra um objeto ou conta algo que não estava no planejamento. Às vezes, é daí que surge o melhor trecho de um episódio. Gostaria que a identidade visual tivesse contato com aquilo que realmente fazemos, e não apenas com minhas descrições posteriores.

— Posso entender essa necessidade. Isso não significa, porém, que vou trabalhar em regime de disponibilidade permanente.

— Não espero isso.

— Ótimo, porque não faço parte do seu estúdio. Tenho meu próprio negócio e outros clientes.

— Eu sei.

— E, mesmo assim, quer que eu esteja aqui.

— Quero ter alguém que compreenda o projeto. Não alguém que apenas execute uma lista de tarefas.

Ele não disse aquilo como se estivesse tentando me convencer a qualquer custo. Falou como quem apresentava algo que considerava evidente. Por alguma razão, foi justamente isso que me fez deixar de procurar uma resposta imediata.

Olhei para os materiais. Havia algo neles que eu não conseguia ignorar. As histórias não estavam organizadas segundo uma lógica óbvia, mas compartilhavam o mesmo tom. Não se tratava dos lugares em si, mas daquilo que as pessoas deixavam neles, mesmo depois de partirem fisicamente. Eu poderia criar uma identidade para aquele projeto sem fingir que tudo podia ser resumido em uma única definição.

— Preciso de acesso completo aos materiais — falei. — Não apenas aos trechos que o senhor considera prontos. Quero ver as gravações brutas, as anotações e a estrutura dos episódios.

— Claro.

— E não vou tomar decisões com base no seu gosto pessoal. Vou propor soluções, apresentar argumentos e esperar que o senhor as avalie dentro do contexto do projeto como um todo.

— Isso me agrada.

— Ainda não terminei. Também não quero que cada mudança de conceito signifique automaticamente mais uma rodada de trabalho sem uma nova definição de escopo.

— Entendo.

Fechei meu caderno.

— Então temos motivos para continuar conversando.

Dessa vez, Florian sorriu de maneira mais evidente.

— Acho que essa é a melhor notícia que recebi hoje.

Não respondi. Em vez disso, voltei a uma das gravações. Queria ouvir novamente o trecho da estação vazia. Ao fundo, entre os avisos pelos alto-falantes, alguém dava uma breve risada, e depois o trem que partia abafava todos os outros sons.

— Isso não deveria ser apenas um som de fundo — comentei.

— O quê?

— Esse momento. A risada, depois o trem. Há mais coisa aí do que em toda a sua descrição.

Florian inclinou-se sobre a tela. Não tocou minha mão nem tentou pegar o tablet. Apenas se aproximou um pouco para enxergar melhor o trecho que eu havia destacado.

— A senhora tem razão.

— Não diga isso muitas vezes. Posso me acostumar.

— Uma perspectiva perigosa.

Nossos olhares se encontraram por alguns instantes. Nada aconteceu que pudesse ser considerado especial. Nenhum gesto que exigisse interpretação. Ainda assim, pela primeira vez, pensei que Florian talvez fosse mais interessante do que seu perfil profissional sugeria.

Quando a reunião terminou, não assinamos contrato nem definimos o preço final. Peguei minhas anotações, copiei os materiais para meu próprio disco e pedi que ele enviasse os arquivos que ainda faltavam. Florian me acompanhou até a porta.

— Obrigado por ter vindo — disse.

— Obrigada por mostrar os materiais. Agora pelo menos sei com o que estou lidando.

— E qual é a sua decisão?

— Ainda não tomei nenhuma.

— Entendo.

— Mas não descarto a possibilidade de trabalharmos juntos.

— É mais do que eu tinha esta manhã.

Vesti o casaco e ajeitei a alça da bolsa.

— Não fique satisfeito demais. Ainda não pretendo me mudar para Wrocław.

— Não propus que se mudasse.

— Ainda.

Ele soltou uma risada baixa.

— Até breve, senhora Ofelia.

— Até logo, senhor Florian.

Quando saí para a rua, peguei o celular e conferi as horas. Tinha tempo suficiente para comer alguma coisa antes de voltar à estação. Deveria estar satisfeita porque a reunião havia transcorrido conforme o planejado. Em vez disso, estava pensando em uma frase que ele dissera à mesa: não queria alguém que executasse uma lista de tarefas, mas alguém que compreendesse o projeto.

Eu ainda não sabia se aquilo era um elogio ou o anúncio de uma colaboração difícil.

Mas sabia que não tinha ido a Wrocław em vão.

Capítulo 2 - Antes de estabelecermos as regras

Não voltei imediatamente para a estação.

Depois de sair do estúdio, caminhei por algumas ruas, procurando um lugar onde pudesse examinar minhas anotações com tranquilidade e comer alguma coisa antes da viagem. Wrocław era suficientemente familiar para que eu não me sentisse completamente estranha ali, mas não a ponto de ter meus lugares favoritos. Escolhi um pequeno café em uma rua lateral. O ambiente cheirava a café moído na hora e canela, e havia duas mesas vazias perto da janela. Pedi um chá e um sanduíche e, em seguida, espalhei os materiais sobre a mesa.

Do ponto de vista profissional, considerei a reunião positiva. Florian conhecia seu projeto, compreendia suas limitações e não tentava me impor soluções prontas. No entanto, estava acostumado a trabalhar no próprio ritmo, e suas expectativas em relação à minha presença no estúdio precisavam ser esclarecidas. Eu não pretendia aceitar um trabalho em que cada encontro tivesse de ser negociado novamente.

Comecei a anotar as possíveis etapas da colaboração. Primeiro — análise dos materiais e desenvolvimento da direção visual. Segundo — apresentação de dois conceitos. Terceiro — escolha de um deles e criação do sistema. Depois viriam as adaptações, os modelos, as capas dos episódios e os materiais promocionais. Tudo podia ser organizado de maneira que não exigisse minha presença constante em outra cidade.

Meu celular vibrou.

Florian: "Espero que não tenha fugido imediatamente para a estação. Gostaria de propor mais uma conversa, desta vez sem um monitor entre nós. Se tiver tempo, gostaria de convidá-la para um almoço tardio."

Li a mensagem e coloquei a caneta sobre a mesa.

Não havia nada de inadequado nela. O encontro dizia respeito a uma possível colaboração, e uma refeição compartilhada poderia ser apenas uma maneira natural de continuar a conversa. Mesmo assim, percebi uma diferença entre o convite para o estúdio e aquele que acabara de receber. Lá, o tempo era dedicado ao projeto. Agora, Florian estava propondo um encontro em que não precisaríamos ficar sentados diante dos mesmos documentos.

Respondi que poderia dedicar uma hora a ele.

"Conheço um lugar aqui perto. Vou enviar o endereço."

Não se passaram nem cinco minutos até que recebi a localização. O restaurante ficava a cerca de quinze minutos a pé do café, então paguei a conta e guardei minhas anotações na bolsa.

Florian estava esperando na entrada. Dessa vez, não estava com as mangas dobradas. Vestia um blazer escuro sobre a camisa, mas parecia menos formal do que eu poderia imaginar diante daquela combinação. Segurava o celular em uma das mãos, enquanto mantinha a outra no bolso.

— Cheguei a pensar que a senhora tivesse mudado de ideia.

— Não tinha motivo para isso.

— É uma boa notícia.

— Não tire conclusões precipitadas. Simplesmente tenho uma hora disponível.

— Vou me comportar.

O ambiente era tranquilo. Escolhemos uma mesa junto à parede, longe da entrada. Florian pediu água e café, enquanto eu optei por uma massa com legumes. Durante os primeiros minutos, conversamos sobre a viagem e o tempo. Só quando o garçom trouxe nossos pedidos Florian deixou o celular de lado e olhou para mim.

— Gostaria de perguntar uma coisa. A senhora realmente não gosta de trabalhar com pessoas presencialmente ou simplesmente não gosta quando alguém espera que esteja disponível a qualquer momento?

Eu não esperava aquela pergunta.

— A segunda opção.

— Era o que eu imaginava.

— Por quê?

— Durante a reunião, a senhora falou várias vezes sobre seu próprio estúdio. Não da maneira como as pessoas costumam falar sobre o local de trabalho. Falou como alguém que não pretende abrir mão de algo que construiu.

Por alguns instantes, girei o garfo entre os dedos.

— Porque levei muito tempo para construir o que tenho. Antes, trabalhava em uma agência onde cada projeto tinha cinco donos e ninguém era realmente responsável por ele. Podíamos passar três dias desenvolvendo um conceito e depois receber uma mensagem dizendo que alguém havia mudado de ideia porque um conhecido achava outra cor mais moderna.

— Parece familiar.

— Quando comecei a trabalhar por conta própria, prometi a mim mesma que nunca mais construiria minha carreira em torno dos caprichos dos outros. Posso colaborar, posso mudar de direção, posso até admitir que alguém teve uma ideia melhor. Mas não quero que minha disponibilidade seja tratada como algo garantido.

Florian assentiu.

— Entendo isso muito mais do que a senhora imagina.

— O senhor também trabalhou em uma agência?

— Não. Mas, durante alguns anos, participei de projetos nos quais tudo dependia da minha capacidade de estar no lugar certo, na hora certa. Com o tempo, comecei a sentir que minha vida era feita dos prazos dos outros.

— E foi por isso que criou seu próprio estúdio?

— Entre outras coisas. Queria ter influência sobre o que fazia e com quem conversava. Só que trabalhar por conta própria tem uma desvantagem: quando alguma coisa dá errado, não há ninguém a quem atribuir a responsabilidade.

— Isso, pelo menos, parece honesto.

— Nem sempre fico satisfeito com isso.

Sorri, e ele retribuiu o gesto. Havia algo nele que começava a me agradar. Não tentava apresentar suas próprias decisões como uma sequência de conquistas. Falava sobre elas sem falsa modéstia, mas também sem a necessidade de provar que tinha tudo sob controle.

— Vamos voltar ao projeto — disse, tirando meu caderno da bolsa. — Tenho algumas propostas para organizar nosso trabalho.

— Estou ouvindo.